

Poética neoconcreta arnaldiana: uma análise dialógica verbivocovisual da linguagem

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i1.3618>

Rafaela dos Santos Batista¹

Resumo

Este trabalho analisa a verbivocovisualidade presente no traço estilístico arquitetônico na poética de Arnaldo Antunes. Fundamenta-se nos estudos bakhtinianos, a considerar a tridimensionalidade potencial e concreta da linguagem. Explora-se a palavra-coisa de AA a partir dos conceitos bakhtinianos, principalmente, a noção de enunciado e diálogo, por meio da análise de dois poemas escolhidos a partir dos critérios temático-figurativo e temporal. Calcado na metodologia dialético-dialógica (Paula, L.; Figueiredo; Paula, S., 2011), pensa-se o ato composicional do autor-criador que evidencia a verbivocovisualidade, a refletir e refratar, pela temática metalinguística, uma concepção de arte, linguagem, mundo e ser. A pertinência e relevância dos estudos se revela nos resultados, que traz novas reflexões para o campo, para as artes e educação, dado o impacto e inovação teórico-metodológica e analítica da verbivocovisualidade.

Palavras-chave: verbivocovisualidade; filosofia da linguagem bakhtiniana; linguagem.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Araraquara, São Paulo, Brasil; rafaela.batista@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0003-0406-2228>

Arnaldian Neoconcrete Poetics: A Dialogic Verbivocovisual Analysis of Language

Abstract

This study analyzes the verbivocovisuality present in the architectural quality of Arnaldo Antunes' poetics. It is based on Bakhtinian studies, considering the potential and concrete three-dimensionality of language. The word-thing in Antunes' work is explored through Bakhtinian concepts, mainly the notions of utterance and dialogue, by analyzing two poems selected based on thematic-figurative and temporal criteria. Grounded in the dialectical-dialogical methodology (Paula, L.; Figueiredo; Paula, S., 2011), the study examines the compositional act of the author-creator, which highlights verbivocovisuality as it reflects and refracts, through metalinguistic themes, a conception of art, language, world, and human being. The significance of this research is revealed in its results, which offer new insights for the field, the arts, and education, given the theoretical-methodological and analytical innovation of verbivocovisuality.

Keywords: verbivocovisuality; Bakhtinian philosophy of language; Language.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a linguagem poética de Arnaldo Antunes (doravante AA), a partir do caráter tridimensional e metalinguístico de sua poética, vista pela tradição como excêntrica e incomum por trabalhar esteticamente com gêneros variados, em contato ou em síncrese. Por essa característica autoral, as obras fomentam reflexões tanto pelo critério do fazer poético, quanto pelas noções de enunciado, gênero e poesia. Este artigo apresenta reflexões que partem de um recorte da dissertação, intitulada *Arnaldo Antunes inclassificável: uma análise dialógica verbivocovisual da linguagem neoconcreta*, da autora, e ainda, integra a pesquisa em andamento sobre verbivocovisualidade de Paula (2023).

O trabalho de AA, enquanto autor-criador, revela extensa produção multimodal e eclética acerca da linguagem artística, empregada dialogicamente em meios sincréticos e fora da esfera/suporte canonicamente concebidos na tradição. Isso ocorre especialmente no seu trabalho poético dada a forte influência concretista. Visto como “inclassificável”, designação própria, a poética arnaldiana tem enfoque no traço verbivocovisual e metalinguístico, características que retomam historicamente a tradição poética chamada poesia concreta, mesmo que trabalhe de modo ressignificado. AA é considerado um ícone dialógico que preza por certa concepção de linguagem, de arte e de mundo, dessa forma, se torna caro aos nossos estudos que visam estudar a verbivocovisualidade (vvv) como proposição de linguagem presente nos estudos do Círculo de Bakhtin.

Com fundamento na filosofia da linguagem bakhtiniana, o objetivo é pensar nos traços estilísticos de AA em seu trabalho com a palavra-coisa, dado que o trato com os elementos enunciativos (entendidos como linguísticos e translinguísticos) caracterizam sua poética. Além disso, busca-se propor uma reflexão acerca da verbivocovisualidade como parte da proposição bakhtiniana de linguagem, como estuda Paula (2017), Paula e Serni (2017) e Paula e Luciano (2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020e, 2021a, 2021b, 2022a, 2022b), entre outros pesquisadores do GED – Grupo de Estudos Discursivos. O Círculo de Bakhtin entende a linguagem como saturada, isto é, ancorada no solo social e capaz de refletir e refratar valorações axiológicas e emotivo-volitivas, a partir da interação entre sujeitos, de maneira alargada e tridimensional. Assim, a palavra é entendida como verbivocvisual, no esteio linguístico-filosófico bakhtiniano, portanto, palavra/linguagem não é vista apenas do ponto de vista linguístico, mas de forma alargada, materializada em gêneros discursivos por meio de enunciados concretos.

A verbivocovisualidade é um termo caro ao concretismo, cunhado primeiramente por James Joyce em *Finnegans Wake* (1975) para descrever os recursos experimentais da linguagem em suas obras. Mais tarde, o concretismo se apropria do termo para definir a concepção estética de seus poemas, a influenciar Arnaldo Antunes. Mesmo que o termo seja extemporâneo, Paula (2017) o retoma para se referir à proposição de linguagem bakhtiniana.

O método seguido neste trabalho é o dialético-dialógico (Paula, L.; Figueiredo; Paula, S.), que considera o movimento da linguagem viva, situada e social, ancorada na dialética marxista e ampliado pela noção dialógica, pois: “[...] para o Círculo, o movimento é dialógico (ou dialético-dialógico) porque, apesar de considerar o movimento dialético (com todos os seus elementos: tese, anti-tese e síntese), não admite a síntese como superação, mas como continuação do diálogo travado anteriormente” (Paula, L.; Figueiredo; Paula, S., 2011, p. 92).

Com isso, serão analisados dois enunciados-poemas de AA, ambos retirados do livro *Algo Antigo* (2021), poemas escolhidos pelos critérios metodológicos (1º) temático-figurativo, dada a metalinguagem: poemas neoconcretos que ao se constituírem, figurativamente, como poesia neoconcreta arnaldiana, firmam o uso da palavra-coisa, tomada pela verbivocovisualidade e (2º) temporal, por ser esse o último livro de AA, assim, serão analisados os poemas “a adaga” e “o sal”.

As concepções bakhtinianas que nos fundamentam são, especialmente, a noção de enunciado, linguagem interior/exterior, dialogia, estética/poética, reflexo e refração, junto com a noção de verbivocovisualidade, uma vez que a interação história-sociedade é parte fundamental da linguística e não entendida como algo de fora, “extralinguístico”. Logo, é constitutiva da palavra verbivocvisual e essa concepção é basilar para este trabalho. A justificativa se centra em contribuir com o estudo da linguagem, especialmente no

campo bakhtiniano e nas esferas da arte, mídia e educação, já que a palavra, ciência e arte são o cerne da vida.

Para responder aos objetivos, estruturamos este artigo, além da introdução, em dois itens de discussões teóricas e um item analítico para, por fim, evidenciar os resultados dessa reflexão.

A linguagem neoconcreta arnaldiana

O intento artístico autoral de Arnaldo Antunes exalta a multimodalidade numa visão própria de linguagem formada através de influências que moldam toda sua concepção artística-filosófica-linguística, a reverberar na sua poética, tal qual é o foco neste trabalho. Com base nos estudos de Paula e Batista (2023a, no prelo) e (2023b, no prelo), entender a trajetória de Antunes é essencial para compreender a perspectiva linguística-estética central para esse estudo.

A tradição concretista do grupo Noigandres (Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari) é sua maior influência estética, uma vez que AA retoma a verbivocovisualidade cunhada por essa vanguarda, de modo propriamente arnaldiano. A poesia concreta surge em um período modernista de exaltação formal e do verso, com o chamado movimento “geração de 45”, mas causa grande mudança ao propor uma estética que propulsionou uma visão de linguagem única.

Ao beber de fontes como Mallarmé, Pound, Apollinaire e Cummings, esse movimento artístico pôde fundamentar uma nova poesia, da qual comunica a partir da simultaneidade revelada ou velada na materialidade. James Joyce, outra influência, ao tratar de seus romances, percebe a linguagem não só apenas verbal, mas sim verbivocovisual, surgindo daí a denominação para o trato da linguagem em ato no poema, pois “[...] a palavra tem uma dimensão GRÁFICO-ESPACIAL uma dimensão ACÚSTICO-ORAL uma dimensão CONTEUDÍSTICA [...]” (Campos, Pignatari, Campos, 2006, p. 74).

Para o grupo Noigandres, a síncrese multimodal é um traço estético e comprensivo ativo da linguagem. Essa percepção é retomada por AA em seu trabalho como um todo, especialmente na sua poesia, considerada neoconcreta. Ser neoconcreto, para as obras de Arnaldo, significa estabelecer um diálogo responsável e singular com essa tradição de linguagem poética. Como Bakhtin (2017, p. 11) sugere: “[...] a ciência da literatura deve estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura. A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época”, e, “[...] é ainda mais nocivo fechar o fenômeno literário apenas na época de sua criação, em sua chamada atualidade” (Bakhtin, 2017, p. 13). Sendo assim, é preciso compreender a literatura no pequeno e grande tempo, isto é, considerar seu diálogo com

o passado, sua presença no presente e entender reverberações no futuro, dado que todo enunciado é responsivo, para que o acabamento, mesmo que inacabado de alguma forma, seja proposto para compreender ativamente e responder aos enunciados, por isso, o trabalho poético arnaldiano recebe tal característica.

A partir do trabalho de Modro (1996), nota-se que a poética de AA é tão diversa e ampla que recebe influências de outras tendências modernas, principalmente o tropicalismo, movimento musical ancorado na antropofagia de Oswald de Andrade onde artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Zé atuaram em atitude carnavalizante de crítica aos valores éticos e estéticos da época, marcada pela ditadura, em posição antinormativa; e a poesia marginal, que expandiu a poesia para novos campos, suportes e leitores.

As diversas fontes artísticas de AA o mostram, assim como Santos (2012) denomina, como neoantropofágico, já que sua estética própria marca uma experimentação autoconsciente de “deglutição”: seu projeto de dizer é dialético-dialógico porque caracteriza o movimento de entender técnicas, tecnologias e práticas, embater com cada um desses meios e expor em ato enunciativo próprio e característico, de modo que atualiza, responde e engendra sua arte.

Desse movimento, AA estabelece sua concepção de linguagem que se estende para uma visão de arte e vida. Ao entender poesia/linguagem com características semelhantes, o autor mostra que o gênero poesia é o espaço que restaura o estágio primitivo da linguagem (Antunes, 2000).

A palavra, como entendida pelo Círculo de Bakhtin, reflete e refrata a vida axiológica, isto é, é valorada, repleta de signos ideológicos que, pelos enunciados que emergem em âmbito social, moldam a vida como um todo, re-velam forças contrárias e contraditórias em ato e embate no jogo vivo da linguagem (Volóchinov, 2017) e (Medvídev, 2012). Para Arnaldo, a linguagem primitiva, portanto, representaria um momento antes da separação do signo linguístico em significante e significado, dando ênfase para a tridimensionalidade da linguagem antes mesmo da materialização. Para o autor, a poesia seria o lugar para expressar essa linguagem alargada, pois reflete e refrata a vida, voltando-se para ela, configurada pela palavra-coisa, de inspiração concretista.

A “infância da linguagem” é uma metáfora arnaldiana para a capacidade linguística de síntese, isto é, a simultaneidade das dimensões verbal, vocal e visual. AA já reflete sobre a reminiscência mental do signo, considerando tanto sua parte material quanto a dimensão potencial que capacita sua subversão:

A origem da poesia se confunde com a origem da própria linguagem.

Talvez fizesse mais sentido perguntar quando a linguagem verbal deixou de ser poesia. Ou: qual a origem do discurso não-poético, já que, restituindo laços mais íntimos entre os signos e as coisas por eles designadas, a poesia aponta para um uso muito primário da linguagem, que parece anterior ao perfil de sua ocorrência nas conversas, nos jornais, nas aulas, conferências, discussões, discursos, ensaios ou telefonemas.

Como se ela restituísse, através de um uso específico da língua, a integridade entre nome e coisa – que o tempo e as culturas do homem civilizado trataram de separar no decorrer da história.

A manifestação do que chamamos de poesia hoje nos sugere mínimos *flashbacks* de uma possível infância da linguagem, antes que a representação rompesse seu cordão umbilical, gerando essas duas metades – significante e significado.

[...]

No seu estado de língua, no dicionário, as palavras intermedian nossa relação com as coisas, impedindo nosso contato direto com elas. A linguagem poética inverte essa relação pois vindo a se tornar, ela em si, coisa, oferece uma via de acesso sensível mais direto entre nós e o mundo.

Segundo Mikhail Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, “o estudo das línguas dos povos primitivos e a paleontologia contemporânea das significações levam-nos a uma conclusão acerca da chamada ‘complexidade’ do pensamento primitivo. O homem pré-histórico usava uma mesma e única palavra para designar manifestações muito diversas, que, do nosso ponto de vista, não apresentam nenhum elo entre si. Além disso, uma mesma e única palavra podia designar conceitos diametralmente opostos: o alto e o baixo, a terra e o céu, o bem e o mal, etc.”. Tais usos são [...] bastante comuns à poesia, que elabora seus paradoxos, duplos sentidos, analogias e ambiguidades para gerar novas significações nos signos de sempre.

Já perdemos a inocência de uma linguagem plena assim. As palavras se desapegaram das coisas, assim como os olhos se desapegaram dos ouvidos, ou assim como a criação se desapegou da vida. Mas temos esses pequenos oásis – os poemas – contaminando o deserto da referencialidade (Antunes, 2000, s/p).

Com isso, a verbivocovisualidade se mostra fortemente marcada na visão de linguagem arnaldiana, logo, todo o seu trabalho se volta a essa ideia em síntese multimodal. No entanto, a tridimensionalidade se torna um princípio ontológico-axiológico, uma vez que a palavra proclama o ser (Bakhtin, 2017), isto é, a palavra tem sentidos estabelecidos em solo social e é por ela transmitida em relações dialógicas, sendo evidenciada potencial ou

expressivamente pela verbivocovisualidade. Cada poema é um posicionamento no jogo da vida, feito na/pela linguagem. Para a poética de AA, a verbivocovisualidade exprime a palavra-coisa em uma tomada axiológica tanto no âmbito estético, uma vez que embate com tradições canônicas do fazer poético, como marca um posicionamento na vida, pois entende que a linguagem é reflexo e refração do âmbito social, ou seja, do ser humano.

Nesse sentido, entendemos a metalinguagem como tema mais recorrente na poética arnaldiana, mesmo que interaja com diversas temáticas. Cada poema traduz poeta e poesia no e pelo uso da linguagem alargada verbivocvisual: o dizer-fazer de Antunes segue estratégias que marcam seu estilo autoral: a grande maioria de seus poemas exploram a tecnologia, tipografia, caligrafias e aglutina radicais e morfemas para promover polissemia lexical e semântica (Paula, Batista 2023a, no prelo). Ainda como aponta Santos (2012, p. 91-92):

Nota-se uma preferência e presença da simultaneidade (semântica e sintática) dos vocábulos e figuras de linguagem como inversões, repetições, sinestesia e justaposição, assim como trocadilhos, deslocamentos, colisões, ecos, reticências e pleonasmos. Em termos visuais, estão presentes na sua poesia a caligrafia, as imagens fotográficas, as ilustrações, os jogos espaciais, a exploração dos espaços gráficos e os deslocamentos visuais (em termos de separação dos vocábulos, pontuação usada como versos etc.). Além disso, a tipografia e a diagramação são exploradas ao máximo no seu potencial de contribuição visual ao poema.

Cada recurso é empregado como forma de evidenciar a verbivocovisualidade nos poemas, tal qual a palavra-coisa primitiva (Antunes, 2000). Essa tridimensionalidade é compreendida ativamente pela sinestesia que provoca, pois como aponta o Círculo de Bakhtin, cada acabamento/resposta é uma compreensão ativa dada de maneira responsável e responsável em interação eu/outro. A verbivocovisualidade permite a cocriação (Bakhtin, 2017) do leitor-outro que lê/interpreta no seu espaço-tempo e cria múltiplos sentidos para a poesia.

Por ser entendida como parte da estética arnaldiana, mas também como princípio ontológico-axiológico, a verbivocovisualidade é usada metalinguisticamente para traduzir e expor a sua visão de mundo, linguagem e vida na poesia, pois assim como todo enunciado, cada poema é saturado e está no jogo da vida, a responder e permitir respostas. Com isso, AA se posiciona em seus poemas em embate com a tradição poética canônica e dialoga com inúmeras vertentes modernas, de forma ética, responsável e singular.

A verbivocovisualidade bakhtiniana

A filosofia da linguagem bakhtiniana entende, a partir da noção dialógica, que enunciados refletem e refratam a realidade ideológica, sendo a palavra um espaço de trocas alteritárias entre sujeitos, em relação eu/outro de completude e acabamento. Segundo Volóchinov (2017), o signo é ideológico dado que a linguagem é ancorada em solo social: os sujeitos, em relação responsiva, se efetivam e re-criam a existência na/pela linguagem. Todo enunciado é ético e responsável, uma vez que enunciar é compreender o enunciado de outro e, portanto, responder em elo da palavra viva, sem fugir de sua singularidade, uma vez que “[...] toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais” (Volóchinov, 2017, p. 140).

No entanto, o Círculo de Bakhtin não entende a palavra apenas ao pensar sua manifestação verbal, apesar do grande enfoque ser o enunciado verbal, especialmente os romances. Entende-se que a linguagem integra verbalidade, vocalidade e visualidade na sua constituição cognoscível (Volóchinov, 2017) e na sua materialidade cognoscente.

Essa concepção de linguagem surge a partir do contexto do qual o grupo bakhtiniano se criou e debateu (1920 a 1930): um período stalinista persecatório que forma grupos intelectuais mais informais e com grande adesão de diversas áreas, assim, o Círculo de Bakhtin foi formado por intelectuais de diferentes atuações, a repercutir na composição teórica imbricada nos textos teóricos (Luciano, 2021).

Como aponta Luciano (2021), Medviédev estudou oralidade e *performance* teatral, debruçando-se também à literatura. Sollertinski e Volóchinov se voltaram aos discursos orais, estudaram música e Bakhtin refletiu acerca da noção de enunciação, ao falar de entonação, gestos e expressões faciais e corporais como significativas para o enunciado como um todo. O grupo ainda teve outros participantes que são indispensáveis para pensar a diversidade teórica bakhtiniana, logo, outras linguagens também fizeram parte do debate e influenciaram a visão da palavra dialética-dialógica empregada.

Bakhtin (2011) comprehende a *pravda*² como discursiva. A partir disso e ao considerar o intercâmbio sincrético entre esferas, conhecimentos e produções, interna e externamente marcada pela configuração política da sociedade soviética, nota-se a proposição tridimensional no Círculo, a fundamentar uma proto-linguagem correspondente à constituição semiológica, chamada de “potencial linguagem das linguagens única” (Bakhtin, 2011, p. 311):

2 A ideia de *pravda* em russo se difere de *istina*, que representa a verdade universal. *Pravda* refere-se à verdade como prática de linguagem e prática sociocultural, viva, baseada em determinados valores e marcada por axiologias do sujeito situado, enquanto *istina* é uma verdade abstrata.

Todo sistema de signos (isto é, qualquer língua), por mais que sua convenção se apoie em uma coletividade estreita, em princípio sempre pode ser decodificado, isto é, traduzido para outros sistemas de signos (outras linguagens); consequentemente, existe uma lógica geral dos sistemas de signos, uma potencial linguagem das linguagens única (que, evidentemente, nunca pode vir a ser uma linguagem única concreta, uma das linguagens). [...] é indiscutível a potencial linguagem das linguagens (Bakhtin, 2011, p. 311).

Essa linguagem englobante metaforiza sobre a concretude enunciativa, manifestada de maneira saturada semiológica/cognoscivelmente. Em ato enunciativo interno e externo, todo enunciado é tridimensional, acontece via proto-linguagem na consciência cognoscível e se explicita no material, sem ignorar as noções genéricas e o projeto de dizer autoral. Assim, mesmo que o Círculo bakhtiniano não tenha usado o termo verbivocovisualidade, sua proposição de linguagem contempla essa noção.

A palavra, que reflete e refrata a vida, é situada pois carrega em si valorações axiológicas e emotivo-volitivas que o sujeito abstrai, isto é, por meio da linguagem, o sujeito apreende a vida, participa em ato em uma via dupla de influência, uma vez que a palavra intervém no sujeito e este interfere na linguagem. Fora da apreensão discursiva, a vida não exprime valor social, mas ao surgir linguagem dado a necessidade de comunicação e interação humana, passa a existir a consciência capaz de apreensão valorada, daí toda a vida biológica receber sentido para/em si, com certa unicidade, e para o outro, com certo excedente.

A vida, com apreensões ideológicas e socialmente construída, só pode ser apreendida via linguagem, uma vez que “O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação sínica*” (Volóchinov, 2017, p. 93, grifo do autor): é na palavra e por meio dela que as valorações emergem e continuam em jogo vivo. Logo, a atuação do sujeito na linguagem é inegável, pois é o sujeito eu/outro que influencia a linguagem, da mesma maneira que ela influencia o sujeito, pelas mesmas trocas alteritárias que a fizeram emergir em ato.

Ao saber que “A consciência individual é um fato social e ideológico” (Volóchinov, 2017, p. 97, grifo do autor), entende-se que o conteúdo interior, a linguagem, só acontece a partir do material exterior, internalizado dado diálogo entre sujeitos situados. Como Volóchinov (2017, p. 97) afirma, “A consciência se forma e se realiza no material sínico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada”, e como Paula e Luciano (2022b) apontam, o ato discursivo é complexo porque exprime um lado social e outro individual, em razão de a consciência surgir na interação de sujeitos pela palavra concreta, enunciada e exteriorizada, a criar um tratado ontológico-axiológico travado pela filosofia da linguagem bakhtiniana.

Essa consciência, a linguagem interior, pode ser materializada em enunciados que se relacionam com a vida por signos verbais, visuais e sonoros integrados dentro de uma esfera de atividade humana. Dessa forma, o ato enunciativo é tanto o produto material quanto o processo interno, já sendo sempre uma síntese/resposta e compreensão do enunciado do outro.

Qualquer signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa mesma realidade. Qualquer fenômeno ideológico sínico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante (Volóchinov, 2017, p. 94).

Essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre o interior e o exterior, se realiza sempre reiteradamente na palavra, em cada enunciado, por mais insignificante que seja. Em cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da palavra-enunciado dita; já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato de compreensão responsiva, para gerar mais cedo ou mais tarde uma réplica responsiva (Volóchinov, 2017, p. 140).

Com isso, toda manifestação de linguagem apresenta tridimensionalidade, potencial ou expressivamente marcada, em razão da relação intrínseca do exterior com o interior. Mesmo que a materialização evidencie uma, duas ou todas as dimensões, todo enunciado marca verbivocovisualidade porque essa característica organiza sujeito, vida e enunciado. O verbal, pela concepção bakhtiniana, é entendido como verbivocovisual, mesmo sem essa nomenclatura ser evidente nos trabalhos, em detrimento da proto-linguagem englobante que evidencia o movimento interno/externo da palavra e o jogo enunciativo cognoscível/cognoscente.

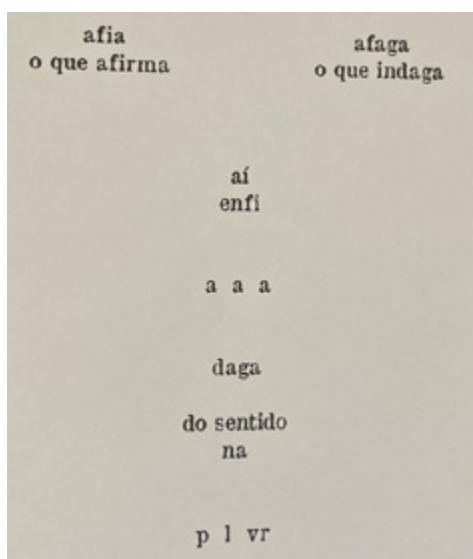
Poesia em ato: verbivocovisualidade arnaldiana

Será a partir dos poemas selecionados que vamos demonstrar a verbivocovisualidade em ato, como uma concepção de linguagem que está na composição estética de Arnaldo, usada para criar e trazer em máxima potência a totalidade de seu dizer. Explicada também pela filosofia da linguagem bakhtiniana, nos poemas se torna evidente o movimento interno/externo da linguagem, propiciado pela proto-linguagem (Bakhtin, 2011), que engloba as dimensões verbais, vocais e visuais presentes na linguagem e capaz de ser potencial ou explicitamente marcada enunciativamente.

Os poemas em questão são entendidos como enunciados, um todo de sentido situado que vai refletir sobre o movimento dialético-dialógico, tal qual o Círculo de Bakhtin trabalha. O enunciado-poema “a adaga” (2021), semiotiza o movimento alteritário da relação eu/outro, realizada pela/na linguagem: traz o movimento de tese, pois primeiro se “afirma” algo, se “afia” o que diz. Depois, se “indaga”, questiona, surge a anti-tese, que

“afaga”, interioriza o dito anteriormente. Assim, metaforiza a ação de inserir uma adaga, simbolizando a intensidade e a penetração das palavras e de seu sentido no outro, no movimento tenso da linguagem, a surgir novos enunciados-respostas. O projeto de dizer do autor-criador é guiado pela verbivocovisualidade para além da concepção de linguagem, todas as escolhas compostionais são feitas pensando em um outro capaz de uma leitura sinestésica de percepção verbivocovisual.

Figura 1. Poema “a adaga”



Fonte: Antunes (2021, p. 180-181)

Em “a adaga” (2021), há uma metáfora do corte da lâmina por meio do corte e da fragmentação das palavras, a questionar a estabilidade da linguagem e do sentido. Trata-se do conceito de diálogo, a linguagem se torna a adaga – a coisa que é enfiada no sujeito –, a própria palavra alteritária que constitui o ser/vida.

A linguagem bakhtiniana é dialógica, o signo é vivo e saturado, os enunciados emergem na/pela interação social, por sujeitos situados e reflete e refrata posicionamentos socioculturais, a construir realidades via linguagem em diálogo. O enunciado-poema é um ato de posicionamento social, em embate com o cânone poético, a embasar a voz social e valorada desse sujeito autor-criador.

Os enunciados são espaços de trocas alteritárias entre sujeitos, que são no mínimo dois (eu e outro), em razão de mutuamente se completarem pelo embate de vozes. Ao produzir um enunciado, atuamos em responsividade já que estabelecemos relações dialógicas, a promover tensão no jogo da língua viva (Volóchinov, 2017).

Como o Círculo propõe, o enunciado concreto é composto de uma linguagem interior, da vivência, e de uma linguagem exterior que estão interligadas, já que o interior acontece a partir do exterior, do social e o interior se “deforma” para ser exterior, ser concretizado. Isso é possível pelo caráter social da linguagem: o ato discursivo é social e individual ao mesmo tempo, uma vez que, com a troca eu/outro que gera embates, podemos ser “completados” pela palavra do outro que se torna nossa de alguma maneira, dada compreensão ativa e caráter responsável. Como o poema traz: nossa palavra é afiada, direcionada ao outro, a palavra do outro é afagada, indagada, se chocam em embate, que forma a própria palavra singular do sujeito, um movimento retratado verbivocvisualmente pelo poema.

Como estuda Paula L., Figueiredo e Paula S. (2011), todo o pensamento bakhtiniano é regido pela noção de diálogo, que complementa a noção marxista de dialética. Marx realiza um trabalho de crítica à dialética hegeliana, pois acredita na dialética da realidade, com foco no homem social e na relação entre classes sociais na relação de trabalho. O Círculo, principalmente Volóchinov (2017), afirma que falta a esse viés falar da noção ideológica ligada ao sentido, por isso propõe um estudo do material verbal (semiose ideológica). Com isso, a teoria bakhtiniana faz uma leitura única do marxismo, uma vez que continua a visão sócio-histórica do sujeito e cultura e destaca o papel da linguagem nesse processo.

O liame entre o Círculo e Marx é a relação dialética/dialógica e a questão da ideologia que, para Marx, calca-se nas relações (econômicas, políticas, culturais, sociais) objetivamente vividas entre os sujeitos constituídos e constituintes de determinada realidade social e, para o Círculo, encontra-se entranhada na linguagem (o signo ideológico). A linguagem é o cerne da questão (Paula L.; Figueiredo; Paula S., 2011, p. 85).

Dessa forma, o Círculo estende a dialética ao diálogo, a entender ideologia e jogo de forças contrárias e contraditórias na/em linguagem. O diálogo, a relação eu/outro de sujeitos e enunciados, trava embates sem que um se sobreponha ao outro, em uma construção incessante que constitui sujeito/enunciado no uso vivo da palavra. A ideologia, que éposta em ação por sujeitos concretos e em enunciados, semiotiza o valor social de um grupo situado, logo, quando enunciamos e agimos em resposta, agimos pela/na palavra saturada de sentidos (Volóchinov, 2017). A ideologia só pode ser entendida no ato responsável, logo, não estabelece acabamento finalizado, está no devir do fluxo ininterrupto discursivo:

[...] um signo se opõe a outro signo e que a própria consciência pode se realizar e se tornar um fato efetivo apenas encarnada em um material signico. Porque a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com signos. Essa cadeia da criação e da compreensão ideológica, que

vai de um signo a outro e depois para um novo signo, é única e ininterrupta: sempre passamos de um elo sínico, e portanto material, a outro elo também sínico. Essa cadeia nunca se rompe nem assume uma existência interna imaterial e não encarnada no signo (Volóchinov, 2017, p. 95).

No entanto, a dialética do signo é entendida a partir de uma dialética interior e exterior, em ato bilateral (Bakhtin, 2017) de conhecimento do sujeito, que constitui e é constituído de outro(s). Assim, “Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto, apenas no processo de interação social” (Volóchinov, 2017, p. 95).

Com isso, Paula L., Figueiredo e Paula, S. (2011) evidenciam que o movimento, para a filosofia da linguagem bakhtiniana, é dialético-dialógico, pois os movimentos dialéticos não são encarados como síntese, mas sim continuação dialógica do que foi travado anteriormente, sempre em elo ininterrupto, em resposta e acabamento situados via linguagem. Assim:

[...] o Círculo russo percebe que no mundo não há a existência de grupos que se digladiam economicamente, por uma questão de produtibilidade, mas trata da constituição e do embate entre sujeitos de linguagem (que, claro, representam sujeitos sociais), que possuem diferentes formas de valores; e privilegia a existência do ato/atividade humana exclusivo de cada sujeito na interação consigo, com o seu grupo e com os diversos grupos com que este se interrelacione. O Círculo pensa o sujeito como social porque pensa a linguagem como social e, segundo Bakhtin/Volóchinov, esse sujeito social assim o é porque, antes de tudo, ele é sujeito de linguagem (que habita e age no mundo por meio dela, a partir de seus atos, atividades e eventos enunciativos) e esse é o objeto das ciências humanas [...] (Paula L., Figueiredo e Paula S., 2011, p. 92).

Assim, o poema aqui elencado traduz essa concepção de linguagem e vida, traz esse jogo interior/exterior e o movimento dialético-dialógico que demonstra a palavra em ato, como organismo vivo. O poema é construído a partir da tridimensionalidade, que aqui é expressa materialmente, logo, o enunciado mostra não só pela temática metalinguística, mas pela linguagem alargada como é o jogo vivo e tenso da linguagem, realizada pela verbivocovisualidade. A visualidade, a vocalidade e a verbalidade são entrelaçadas no poema, constroem o sentido de forma conjunta e pode ser capturada a partir de uma leitura sinestésica.

O poema “a adaga” é construído com a tipografia serif, muito usada em logotipos clássicos, pois semiotiza tradição, seriedade, sabedoria, estabilidade. Essa valoração dialoga com o título do livro (*Algo Antigo*), que é todo escrito com essa fonte remetente ao passado, comumente entendida como a letra de máquina de escrever, instrumento

antigo de digitação. As palavras estão distribuídas pelo espaço da página para dar outra cadência rítmica para o que foi escrito, pois cada espaço em branco gera sentidos para o enunciado, uma vez que simboliza pausas para o som. Essa construção visual/vocal possibilita leituras diversas, sendo essa uma das características dos poemas arnaldianos, o leitor atua ativamente na construção de sentidos. Ainda, essa distribuição das palavras marca o formato de uma adaga, tema e conteúdo do poema.

O poema tem rimas internas, pois como o verso deixa de ser o cânone, é preciso moldar essa outra forma de trazer oralidade. Para tal, os poemas arnaldianos exploram figuras de linguagem, como no caso de “a adaga” (2021), que traz a aliteração da repetição do som das consoantes /f/ e /d/ em palavras como “afia”, “afirma”, “afaga”, “indaga” e “adaga”, e a assonância da repetição do som da vogal /a/ em termos como “afia”, “afaga” e “palavra”. Esse último termo, construído no poema com a supressão da letra “a”, semiotiza a ideia da palavra/linguagem internalizada, que deixa de ser do outro e se torna nossa, não igual a antiga, mas nova, irrepetível. Cada figura de linguagem cria um efeito sonoro para o poema, dando ritmo e musicalidade para o verso.

A verbalidade, entrelaçada com as outras dimensões, é trabalhada na separação das letras de cada termo, visto que o autor-criador brinca com a morfologia. Todas as escolhas lexicais foram realizadas a partir da oralidade e pela significação, assim, o trabalho de aglutinação gera polissemia que permite visualidade, vocalidade e a leitura sinestésica de múltiplos sentidos.

Ao se considerar as relações grafemáticas e espaciais, o enunciado utiliza a disposição segmentada dos termos lexicais para criar um efeito visual que sugere o corte ou a ação de divisão, a reforçar o sentido da “adaga”. A segmentação é uma estratégia recorrente em AA e aparece em muitos de seus poemas. Aqui, ocorre em diferentes níveis, a formar uma estrutura descendente, como que os termos estivessem sendo cortados e afunilados. Isso se evidencia, por exemplo, no último item lexical, “p l vr”, que aparece fragmentado, remetendo à própria ideia de desintegração ou de um corte que compromete a totalidade da palavra “palavra”.

Ao afunilar os elementos linguísticos, cria-se um efeito de penetração, como se a adaga cortasse o espaço e os sentidos da linguagem. A estrutura simétrica no topo, com “afia o que afirma” (à esquerda) e “afaga o que indaga” (à direita), estabelece um equilíbrio inicial que se dissolve com as fragmentações iniciadas em “ai” e “enfi”, gerando um movimento descendente e cortante. Esse efeito reforça, verbocovisualmente, a imagem da adaga penetrando algo – como o próprio significado de linguagem, evidenciando seu caráter metalinguístico.

Além disso, há um espaço vazio significativo antes da sequência “a a a”, que pode ser interpretada como um som de hesitação ou um eco, acentuando a desconstrução da

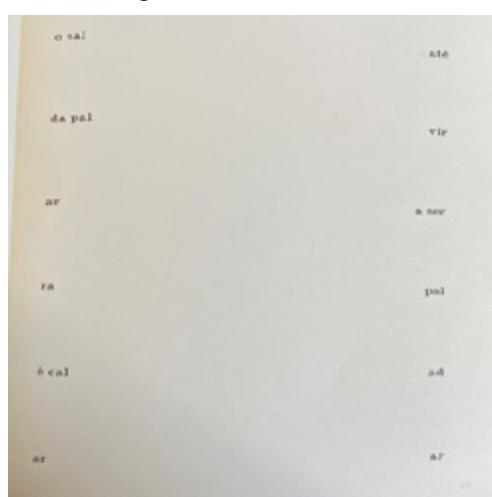
linguagem. Já em “do sentido na”, a construção do sentido fica aberta, a exigir que o leitor contribua para a reconstrução mental das segmentações, especialmente na última linha poética.

O uso da página em branco é tão importante quanto as palavras impressas. Os espaços vazios criam pausas e silenciam partes do enunciado, a gerar um efeito visual e semântico de interrupção. Há uma brincadeira com os vazios e ausências, em que o espaçamento progressivo entre letras e termos lexicais sugere o corte da adaga. Isso pode ser ampliado com os três “as” do centro do poema, que parecem se alinhar aos vazios deixados pelos três “as” do último termo “p l vr”, reforçando a fragmentação e a desintegração da linguagem.

Os elementos sintáticos e semânticos são realçados pelo jogo dialético-dialógico da metáfora da lâmina. A oposição inicial entre “afia o que afirma” e “afaga o que indaga” sugere um contraste entre certeza (afirmação) e dúvida (indagação), já que “afiar” remete ao ato de tornar algo cortante, enquanto “afagar” evoca suavidade. O termo “adaga” aparece isolado, destacando-se como o núcleo semântico do poema, sendo o objeto que realiza a ação de corte.

A arquitetônica do poema é verbivocovisual, desde a temática até a forma e estilo, caracterizando a palavra de AA. O que também pode ser visto no poema “o sal” (2021), que segue a mesma noção de alteridade. Uma possível leitura do poema gera a frase: “o sal da palavra é calar até vir a ser paladar”, isto é, semiotiza a palavra “deglutida”, o exterior/outra que passa a ser interior/individual via linguagem viva, a ressaltar toda a noção explicitada de linguagem interior/exterior a partir da filosofia da linguagem bakhtiniana de movimento dialético-dialógico.

Figura 2. Poema “o sal”



Fonte: Antunes (2021, p. 92-93)

A mesma tipografia é usada nesse enunciado, pois também é um poema do livro *Algo Antigo* (2021). Assim, segue a ideia de remeter à tradição, ao passado que retoma um momento primitivo da linguagem (Antunes, 2000). Aqui, o poema é construído em duas colunas, que semiotiza sujeitos distintos em troca alteritária embativa, cada termo do poema está segmentado. Por isso, a interpretação não é definitiva, pode formar múltiplas respostas-leituras tal qual o jogo externo/interno de adquirir a palavra do outro, para que se torne sua em alguma medida. As infinitas leituras desse poema mostram esse movimento de trocas que não terminam: na vida, todo enunciado retoma a outros e permite respostas, mesmo um posicionamento singular traz em si a palavra do outro. Essa noção é trabalhada visualmente no poema, a permitir desenlaces em diferentes sentidos que mostram sujeitos em relação e coexistência, pois se pode ler na vertical ou até mesmo na horizontal.

A vocalidade também está presente nessa separação lexical, pois a cada palavra entrecortada há espaços em branco que engendram nova cadência rítmica. Além disso, as palavras são separadas de modo que evidenciam aliteração e assonâncias na repetição de /a/, /l/ e /r/. Dessa maneira, a verbalidade é trabalhada vocal/visualmente no enunciado-poema, à medida que situa a visão de linguagem arnaldiana, que não ignora a capacidade interna/externa em jogo propiciada pela linguagem alargada e tridimensional em movimento dialético-dialógico, em detrimento de vida e ser ocorrerem na/pela linguagem verbivocovisual.

As relações grafemáticas e espaciais do enunciado mostram o texto distribuído em duas colunas. Essa separação visual impede uma leitura linear convencional, assim, o leitor precisa reconstruir mentalmente as frases e termos lexicais segmentados. A fragmentação dos termos sugere um processo de desconstrução e reconstrução da linguagem, como se a palavra se desmanchasse e se reformulasse simultaneamente.

As separações exigem que o leitor une os segmentos, a promover uma participação ativa na composição do sentido. A disposição no espaço remete a um efeito de dissolução, reforçado pelo tema do "sal", que pode se dissolver na água, por exemplo. Assim, o poema brinca com o tema "sal", ao remeter tanto ao sabor quanto à ideia de algo que se dissolve, assim como os termos no enunciado.

O termo lexical "palavra" aparece diluído na estrutura do poema, fragmentado ao longo do texto ("da pal" + "av" + "ra"), reforçando a ideia de desconstrução da linguagem. Em "até" + "vir" + "a ser", sugere-se um processo de transformação, indicando que a palavra passa por uma mudança, deixando de ser apenas um conjunto de signos para adquirir sentido. O trecho "é cal" carrega um duplo sentido: pode indicar calor (quente), mas também cal (substância usada para construir ou apagar, como na pintura de paredes). O final "ar" + "ar" pode remeter ao ar como elemento de dispersão, sugerindo que a palavra, assim

como o sal, se dissolve no espaço. Dessa maneira, “sal” e “palavra” se entrelaçam para sugerir um processo de ressignificação da linguagem verbivocovisual.

Portanto, os enunciados-poemas evidenciam o conceito de diálogo bakhtiniano que contempla a ideia do sujeito inacabado. Em movimento (dialético-dialógico) entre duas consciências (interior/exterior) e pela linguagem, que reflete e refrata valores ideológicos, sujeitos marcam sua existência em enunciados-elaos verbivocovisuais. As leituras empreendidas não são acabadas, dado que a cada interação, novas interpretações e sentidos se estabelecem, no entanto, evidenciam uma análise verbivocovisual a partir da episteme bakhtiniana.

Considerações finais

Buscamos, com este trabalho, refletir sobre a poética arnaldiana, uma vez que é representante de uma visão de linguagem-vida que explora a potencialidade e concretude enunciativa da linguagem. AA, enquanto autor-criador, salienta a palavra verbivocovisual dialética-dialógica em poemas, que, metalinguisticamente, expressam essa noção. No entanto, seu trabalho é diverso, pois atua, desde o início de sua carreira, em diferentes esferas, sempre em elo e diálogo de suportes, campos e estéticas, a transitar em variados modos de expressão. Seu trabalho é inclassificável, sendo esse seu maior traço estético-literário.

O conceito de diálogo é um ponto nevrálgico para os estudos bakhtinianos, pois até mesmo a autoria e o pensamento teórico é feito em ampla interação. O jogo tenso da relação eu/outra é importante para essa discussão, que é inicial e será melhor desenvolvida na dissertação da autora, em conjunto com reflexões acerca da “potencial linguagem das linguagens” (Bakhtin, 2011), que potencial e expressivamente coloca enunciados no jogo discursivo, a partir do movimento interno/externo da linguagem.

Assim, o objetivo do trabalho foi refletir sobre apontamentos iniciais que evidenciam a verbivocovisualidade como proposição teórica de linguagem presente na filosofia bakhtiniana, mesmo que não trabalhada com essa nomenclatura. Para isso, a poética arnaldiana é essencial, em detrimento dos traços estilísticos de AA colocarem em ato enunciativo a palavra-coisa, a partir da tridimensionalidade. Cada um dos poemas escolhidos, além de serem um ser-objeto de linguagem poética, são sujeitos de linguagem em uma linguagem de e entre sujeitos, pois participamos da vida por meio do diálogo e nos colocamos na linguagem. O dizer-fazer arnaldiano torna-se exemplar para evidenciar essa concepção de linguagem tridimensional trabalhada neste artigo, em razão do diálogo estético com o passado e sua resposta ao cânone poético, a realçar um posicionamento próprio, singular de uma palavra-coisa que veicula seu dizer em extensão filosófico-axiológica. Portanto, a noção de elo e unicidade marca tanto o trabalho bakhtiniano quanto o ser arnaldiano, a propor uma concepção completa de vida/linguagem.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – bolsa CAPES/PROEX.

Referências

- ANTUNES, A. Sobre a origem da poesia. In: MOREAU, G. (org.). *12 Poemas para dançarmos*. São Paulo: SESC, 2000.
- ANTUNES, A. *Algo Antigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Org., trad., posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora v. 34, 2017.
- BATISTA, R. dos S. *Arnaldo Antunes inclassificável*: uma análise dialógica verbivocovisual da linguagem neoconcreta. 2025. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2025.
- CAMPOS, A. de; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. de. *Teoria da poesia concreta*: textos críticos e manifestos (1950-1960). São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- JOYCE, J. *Finnegans Wake*. London: Faber and Faber, 1975.
- LUCIANO, J. A. R. *Filosofia da Linguagem Bakhtiniana*: concepções verbivocvisorais. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2021.
- MEDVIÉDEV. *Método formal nos estudos literários*. São Paulo: Contexto, 2012.
- MODRO, N. R. *Obra Poética de Arnaldo Antunes*. Universidade Federal do Paraná, 1996.
- PAULA, L. de. *Verbivocvisualidade*: uma abordagem bakhtiniana tridimensional da linguagem. Projeto de Pesquisa em andamento. Período de 2017-2022. Mimeo, s/d.

PAULA, L. *Teoria, metodologia e análise verbivocovisual: uma proposta de abordagem filosófico-dialógica brasileira contemporânea*. Projeto de Pesquisa trienal, 2023 – em andamento.

PAULA, L.; BATISTA, Rafaela dos Santos. A retórica neoconcreta arnaldiana: a "ânsia mansa" de um /dizer-fazer/ verbivocovisual. *2023a (no prelo)*.

PAULA, L.; BATISTA, Rafaela dos Santos. "O que não pode ser que não é": A mistura de gêneros na poética verbivocovisual de Arnaldo Antunes. *2023b (no prelo)*.

PAULA, L. de; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. de. O Marxismo do/no Círculo. In: STAFFUZA, G. (org.). *Slovo – o Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos*. Curitiba: Appris, 2011. p. 79-98.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Filosofia da Linguagem Bakhtiniana: concepção verbivocovisual. *Revista Diálogos*, v. 8, n. 3, p. 132-151, 2020a. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10039>. Acesso em: 13 dez. 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 49, n. 2, 2020b, p. 706-722. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/269>. Acesso em 12 dez. 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'Água*, v. 33, n. 3, 2020c, p. 105-134. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/171296>. Acesso em: 06 dez. 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. *Polifonia*, v. 27 n. 49, 2020d, p. 15-46. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/11366>. Acesso em 04 dez 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Recepções do pensamento bakhtiniano no ocidente: a verbivocovisualidade no Brasil. In: BUTTURI Jr., A.; BRAGA, S.; SOARES, T. (org.). *No campo discursivo – teoria e análise*. Campinas: Pontes, 2020e. p. 133-166.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. The Verbivocovisual Architectonic of the Stage La Conversione Di Un Cavallo. *Global Journal of Human Social Sciences-A - GJHSS-A*, V. 21, 13, 2021a, p. 01-13. Disponível em: [https://globaljournals.org/GJHSS_Volume21/EJournal_GJHSS_\(A\)_Vol_21_Issue_13.pdf](https://globaljournals.org/GJHSS_Volume21/EJournal_GJHSS_(A)_Vol_21_Issue_13.pdf). Acesso em: 10 jan. 2022.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. As noções bakhtinianas de linguagem e enunciado. *Letras de Hoje*, v. 56, n. 3, p. 453-464, 2021b. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/42207>. Acesso em: 10 set. 2022.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A música em Dostoiévski: voz e polifonia sob o viés bakhtiniano. *Revista Cerrados, [S. I.]*, v. 31, n. 58, p. 134-146, 2022a. DOI: 10.26512/cerrados.v31i58.41275. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/41275>. Acesso em: 2 jun. 2023.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. O sujeito, a consciência individual e a consciência coletiva: noção de consciência em marxismo e filosofia da linguagem. In: DE JESUS, S. N.; FERRAREZI JUNIOR, C. (org.). *Pilares da Teoria Dialógica do Discurso: a obra de Valentin Volóchinov (da década de 1920 aos dias atuais)*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022b. cap. 9, p. 245-267.

PAULA, L. de; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. *Raído*, v. 11, n. 25, p. 178-201, 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/6507>. Acesso em: 06 dez. 2021.

SANTOS, A. *Arnaldo Canibal Antunes*. Brasil: Nversos, 2012.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Rio de Janeiro: 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. *Palavra na vida e palavra na poesia*. Rio de Janeiro: 34, 2019.